

**O FIM
DO MUNDO
É SÓ
O COMEÇO**

**MAPEANDO
O COLAPSO DA
GLOBALIZAÇÃO**

PETER ZEIHAN



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO XIII

PARTE I: O FIM DE UMA ERA

O COMEÇO DESDE O INÍCIO 2

ENTRA EM CENA A SUPERPOTÊNCIA ACIDENTAL 16

E AGORA O OBJETIVO É TOTALMENTE DIFERENTE 26

A HISTÓRIA DAS... PESSOAS 32

A HISTÓRIA ACELERA 36

APRENDENDO UMA PALAVRA ASSUSTADORA 49

O FIM DO MAIS 54

MODELOS *BEM* CONTURBADOS 64

OS ÚLTIMOS REDUTOS DO MAIS 72

UMA NOTA RÁPIDA DO AUTOR... SOBRE MOSCOU 87

PARTE II: TRANSPORTE

UMA LONGA, LONGA ESTRADA 90

LIBERTANDO-SE DOS GRILHÕES 97

A AMERICANIZAÇÃO DO COMÉRCIO 103

O GRANDE DESMANTELAMENTO	115
REFÚGIOS NA TEMPESTADE	126

PARTE III: FINANÇAS

MOEDAS	138
AVENTURAS COM O CAPITAL	151
O DESASTRE É RELATIVO	165
O FIM DO MAIS, O RETORNO	169
O COMPÊNDIO DO CRÉDITO	174
CONTORNANDO FUTUROS COLAPSOS FINANCEIROS	181

PARTE IV: ENERGIA

PERSEGUINDO O PROGRESSO	188
A DEMANDA DA ORDEM POR PETRÓLEO	195
O MAPA DO PETRÓLEO	198
HÁ MAIS DO QUE PETRÓLEO NO PETRÓLEO	216
ABASTECENDO O FUTURO	242

PARTE V: MATERIAIS INDUSTRIAIS

DESMONTANDO A HISTÓRIA	246
OS MATERIAIS ESSENCIAIS	255
OS MATERIAIS DO FUTURO	261
OS MATERIAIS ETERNOS	266
OS MATERIAIS EXÓTICOS	270
OS MATERIAIS CONFIÁVEIS	274
É ASSIM QUE O MUNDO ACABA	282

PARTE VI: MANUFATURA

FABRICANDO O MUNDO QUE CONHECEMOS	286
O MAPA DO PRESENTE	297
O MAPA DO FUTURO	313
FABRICANDO UM NOVO MUNDO	334

PARTE VII: AGRICULTURA

O QUE ESTÁ EM JOGO	348
A GEOPOLÍTICA DA VULNERABILIDADE	361
EVITANDO – OU ACEITANDO – O PIOR	372
MITIGANDO A FOME	380
EXPANDINDO A DIETA, ENCOLHENDO A DIETA	387
AGRICULTURA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS	396
ALIMENTANDO UM NOVO MUNDO	411
A LONGA CAVALGADA DO TERCEIRO CAVALEIRO DO APOCALIPSE	421
EPÍLOGO	423
NOTAS	428
AGRADECIMENTOS	436
ÍNDICE	441
SOBRE O AUTOR	445

PARTE I:

O FIM DE UMA ERA



O COMEÇO DESDE O INÍCIO

NO INÍCIO, ÉRAMOS NÔMADES.

Não perambulávamos por aí para buscar nossa essência; vagávamos porque tínhamos *FOME*. Perambulamos ao sabor das estações para lugares com mais abundância de raízes, nozes e bagas. Andamos para cima e para baixo cruzando elevações para forragear diferentes plantas. Seguimos as migrações de animais porque era onde estavam os bifes. O que servia de abrigo era qualquer lugar que pudéssemos encontrar quando precisássemos. Normalmente, não ficaríamos no mesmo lugar por mais de algumas semanas, pois esgotaríamos os recursos de nosso “quintal” em pouco tempo. Então, nossos estômagos nos obrigavam a vagar de novo.

As limitações de tudo isso eram bastante, bem, limitantes. A única fonte de energia que os humanos tinham era os músculos, primeiro os nossos e depois os dos poucos animais que poderíamos domesticar. Fome, doenças e lesões eram comuns e tinham uma alta probabilidade de se provarem letais. E, por dependermos da natureza, qualquer raiz ou coelho consumido por um indivíduo era um recurso a menos para outro se alimentar. Então, é claro, vivíamos em “harmonia com a natureza”... que é outra maneira de dizer que tendíamos a agredir nossos vizinhos sempre que os víamos.

A probabilidade era de que quem ganhasse a luta comesse o perdedor. Emocionante, não é?

Então, em um dia milagroso, começamos a fazer algo novo e maravilhoso que tornou a vida menos violenta e menos precária, e nosso mundo mudou fundamentalmente:

Começamos a usar nossas fezes no cultivo de alimentos.

A REVOLUÇÃO AGRÍCOLA SEDENTÁRIA

As fezes humanas são únicas. Como os seres humanos são onívoros, seu cocô ostenta uma das concentrações mais densas de nutrientes no mundo natural. Uma vez que os seres humanos sabem onde seu cocô é, hmm,

depositado... digamos que foi um processo simples “estocar” e “garantir suprimentos frescos”.*

As fezes humanas provaram ser um dos melhores fertilizantes e meios de cultura não apenas no mundo pré-civilizado, mas até a introdução em massa de fertilizantes químicos em meados do século XIX — e, em algumas partes do mundo, até hoje. Gerenciar nossas fezes nos apresentou algumas de nossas primeiras distinções baseadas em classe. Afinal, ninguém de fato *quer* coletar, estocar, distribuir e... usar o cocô. É parte do motivo pelo qual os Intocáveis da Índia eram/são tão... intocáveis — eles faziam o trabalho sujo de coletar e distribuir o chamado “solo noturno”.¹

A Grande Revolução do Cocô — mais comumente chamada de agricultura sedentária, a primeira real aplicação tecnológica da humanidade — também apresentou aos humanos a primeira regra da geopolítica: a localização é importante, e quais localidades são as *mais importantes* muda conforme a tecnologia da época.

A primeira Geografia de Sucesso, a da era do caçador-coletor, estava relacionada a alcance e à variedade. Uma boa nutrição significava ser capaz de explorar vários tipos de plantas e animais. Ninguém gosta de se mudar o tempo todo, então permanecíamos em um local até esgotarmos os recursos. Tendo em vista que tendíamos a exaurir uma área rapidamente, e a fome impiedosamente nos obrigava a procurar pastagens mais verdes, precisávamos ser capazes de nos mudar com certa facilidade. Passamos a nos concentrar, portanto, em regiões com uma grande variedade climática em um perímetro bastante denso. O sopé das montanhas provou ser particularmente popular porque podíamos acessar várias zonas climáticas diferentes em uma distância horizontal relativamente curta. Outra escolha popular eram as interseções de florestas tropicais e savana, de modo a explorarmos as savanas ricas em caça, na estação chuvosa, e as florestas tropicais ricas em vegetação, na seca.

A Etiópia era particularmente favorecida por caçadores-coletores, pois misturava savana, floresta tropical e estriações verticais em um único local. Mas era uma bela porcaria para a agricultura (com cocô).

Obter toda a comida que você precisava de um lugar exigia uma única área relativamente plana — não com o tipo de extensão ou variedade capaz de sustentar caçadores-coletores. O deslocamento sazonal requerido pela dieta de caçadores-coletores era em grande parte incompatível com a constante exigência de atenção das culturas, enquanto a natureza sazonal das colheitas era em geral incompatível com a necessidade humana de comer

* Importante lição de geopolítica: a história — *real* — não é para pessoas sensíveis.

durante todo o ano. E só porque *you* se fixava em um local e cultivava a terra não significava que seus vizinhos faziam o mesmo. Sem desincentivos apropriados, eles tendiam a forragear a plantação, e você perderia meses de trabalho e voltaria ao modo da fome. Muitas tribos começaram cultivos e acabaram por abandoná-los por serem impraticáveis.

Resolver esses impasses específicos não apenas exigia que aprendêssemos uma maneira diferente de nos alimentar, mas também nos forçava a encontrar um tipo diferente de geografia da qual poderíamos obter o alimento.

Precisávamos de um clima com *ausência* suficiente de sazonalidade para que as culturas pudessem ser cultivadas e colhidas durante todo o ano, eliminando, assim, a estação da fome. Precisávamos de fluxos de água consistentes para que essas culturas pudessem ser usadas para nosso sustento ano após ano. Precisávamos de locais onde a natureza fornecesse cercas naturais boas e resistentes para que os vizinhos não conseguissem entrar e se servir dos frutos do nosso trabalho. Precisávamos de uma Geografia de Sucesso diferente.

A Revolução da Água

Os únicos lugares na Terra que ostentam todos os três critérios ficam ao longo de rios que correm por desertos de baixa *latitude* e baixa *altitude*.

Alguns motivos são óbvios.

- Como qualquer fazendeiro ou jardineiro sabe, se não chover, você está ferrado. No entanto, se você se estabelecer nas margens de um rio, nunca ficará sem água para irrigação, a menos que algum cara barbudo comece a escrever uma Bíblia.
- As regiões de baixa latitude têm dias longos e ensolarados durante todo o ano; a falta de variação sazonal permite o cultivo múltiplo. Mais vegetais em mais colheitas significa menos fome, e a fome é uma droga.
- Rios de alta altitude fluem rápido e em linha reta e criam desfiladeiros ao longo do caminho. Em contraste, os rios de baixa altitude são mais propensos a serpentear por zonas planas, levando suas águas até potenciais terras agrícolas. Como bônus, quando um rio entrelaçado transborda para as margens com as inundações da primavera, ele deixa para trás uma espessa camada de sedimentos ricos em nutrientes. O lodo é um *ótimo* potencializador do cocô.

- Estar em uma região desértica mantém os irritantes vizinhos forrageiros a distância. Nenhum caçador-coletor em sã consciência vai se aproximar das fronteiras de um deserto, olhar para a massa interminável de ondas de calor e sugerir com ar sonhador: “Aposto que há alguns coelhos e rutabagas incríveis por ali.” Especialmente em uma época em que as sandálias abertas eram o calçado mais durável disponível.

Os rios também proporcionam algumas vantagens menos óbvias, mas igualmente cruciais.

A primeira delas é o transporte. Mover coisas não é tão fácil. Supondo que você tenha acesso a uma estrada de asfalto ou concreto — o tipo de estrada que não existia até o início do século XX —, é preciso cerca de doze vezes mais energia para mover as coisas em terra do que na água. No início dos primeiros milênios AEC, quando uma estrada de alto nível era de *cas-calho*, essa desproporção de energia necessária era por volta de 100 para 1.*

Ter um rio desértico que flui lentamente cruzando nossas primeiras terras permitiu que os humanos realocassem tudo de onde havia em excesso para onde havia demanda. A distribuição do trabalho permitiu que os primeiros seres humanos explorassem mais campos e, assim, aumentassem o cultivo e o suprimento de alimentos, em lugares que não precisavam estar a uma curta caminhada de onde moravam. Tais vantagens eram muitas vezes a diferença entre o sucesso espetacular (isto é, ninguém morre de fome) e o fracasso igualmente espetacular (todos *morrem* de fome). Havia também a questão nada trivial da segurança: a distribuição de soldados pelas vias navegáveis nos permitiu rechaçar vizinhos burros o suficiente para invadir nossas terras.

A questão do transporte, por si só, distinguiu os primeiros agricultores de todos os demais. Mais terras produtivas e mais seguras significavam mais alimentos, que possibilitavam populações maiores e mais estáveis, que, por sua vez, significavam mais terras produtivas e mais seguras, e assim por diante. Não éramos mais tribos errantes, éramos comunidades estabelecidas.

A segunda questão resolvida pelos rios é a da... digestão.

Só porque algo é comestível não significa que possa ser ingerido in natura. Coisas como trigo cru certamente podem ser mastigadas, mas tendem a ser desagradáveis para todo o sistema digestório, contribuindo para sangramentos na boca, no estômago e nas fezes. O que não é bom em nenhum momento histórico.

* Não existiam sequer *paralelepípedos* até o século III AEC.

Cereais *podem* ser cozidos para fazer um mingau que tem aparência, textura e sabor terríveis, mas o cozimento também destrói o perfil nutricional dos grãos e exige uma quantidade substancial de combustível. O cozimento pode fornecer um fluxo suplementar de alimentos para uma tribo que perambula de um lugar para outro e, muitas vezes, tem um suprimento de lenha fresca e apenas algumas bocas para alimentar, mas é inviável em um vale desértico. Em primeiro lugar, os desertos nunca têm muitas árvores. E as áreas onde o deserto e as árvores coexistem ficam, é claro, ao longo dos rios, colocando o suprimento de combustível para o fogo em concorrência direta com o cultivo. De qualquer forma, o ponto é que a agricultura ribeirinha bem-sucedida gera *grandes* populações locais. Cozinhar para muitas pessoas — para uma comunidade — todos os dias simplesmente não é viável em um mundo antes do carvão ou da eletricidade.

Resultado? Limpar a terra, cavar trincheiras de irrigação, plantar sementes, cuidar de plantações e colher e debulhar grãos são as partes *fáceis* da agricultura primitiva. O trabalho realmente brutal é pegar dois pedaços de rocha e moer sua colheita — *alguns grãos de cada vez* — até obter um pó grosso que pode, então, ser preparado como um mingau facilmente digerível (sem precisar de calor) ou, se você tiver um amigo gourmet, assado em forma de pão. A única fonte de energia mecânica disponível era a força muscular — tanto dos humanos quanto de animais domesticados — e a nefasta física do processo de moagem exigia tanto trabalho que lançou a humanidade em um frenesi tecnológico.

Os rios nos ajudaram a resolver esse problema. As rodas d'água nos permitiram transferir um pouco da energia cinética de um rio para uma máquina de moagem — o moinho d'água. Enquanto a água fluía, a roda girava, uma grande pedra batia contra outra, e só precisávamos despejar nossos grãos na tigela de moagem. Pouco tempo depois, presto! Farinha.

As rodas d'água foram o primeiro poupador de trabalho. No início, quase todo trabalho poupado era simplesmente revertido para a árdua tarefa da agricultura irrigada, aumentando a área de cultivo, permitindo colheitas maiores e mais confiáveis. Mas, com o processo do campo para a mesa demandando menos mão de obra, começamos a gerar excedentes de alimentos pela primeira vez. Isso diminuiu um pouco mais do trabalho, e nós inadvertidamente criamos algo para as pessoas fazerem: gerenciar os excedentes de alimentos. Bam! Agora temos cerâmica e números. Então precisávamos armazenar os recipientes e manter a matemática em dia. Bam! Agora temos escrita e engenharia básica. Então precisávamos de uma maneira de distribuir os alimentos armazenados. Bam! Estradas. Todos os nossos pertences precisavam ser mantidos, gerenciados e guardados em

um local centralizado, enquanto todas as nossas *habilidades* precisavam ser passadas para as gerações futuras. Bam! Urbanização e educação.*

Em cada estágio, diminuimos um pouco do trabalho na agricultura e nos engajamos em novas atividades que gerenciaram, alavancaram ou melhoraram a agricultura, que deu origem a todo esse trabalho. Os níveis cada vez maiores de especialização de mão de obra e urbanização primeiro nos deram cidades, depois cidades-Estado, depois reinos e, finalmente, impérios. A agricultura sedentária pode ter nos fornecido mais calorias e os desertos proporcionado mais segurança, mas foi preciso o poder dos rios para nos colocar na estrada da civilização.

E, durante os primeiros milênios, nessa estrada... não havia muito tráfego.

Os sistemas agrícolas ribeirinhos se espalharam ao longo dos muitos rios do mundo, mas as culturas que desfrutavam desse rico “oásis” no deserto eram raras. Nossas primeiras boas escolhas para civilizações sedentárias baseadas na agricultura foram os rios Baixo Tigre, Eufrates e Nilo, o meio do Indus (no atual Paquistão) e, em menor grau, a parte superior do rio Amarelo (no atual Centro-Norte da China).

As culturas poderiam ter construído nichos — reinos ou até mesmo impérios — ao longo dos rios Missouri, Sena, Yangtze, Ganges ou Kwanza —, mas nenhuma delas teria isolamento suficiente dos vizinhos para perseverar. Outros grupos — civilizados ou não — destruiriam essas culturas em uma competição implacável. Mesmo o maior e mais influente de todos esses impérios — o romano — sobreviveu “somente” por cinco séculos no mundo do “matar ou morrer” da história primitiva. Em contraste, a Mesopotâmia e o Egito perduraram por vários milênios.

O verdadeiro problema é que a mudança tecnológica seguinte não tornou as culturas humanas mais duráveis graças ao isolamento, mas, sim, *menos* duráveis pelo aumento da concorrência.

A REVOLUÇÃO DO VENTO

No século VII EC, as tecnologias de moagem finalmente superaram uma série de barreiras técnicas e combinaram o moinho d’água com uma nova fonte de energia. Em vez de usar uma roda para aproveitar o poder da água em movimento, usamos varas e velas para explorar o poder do vento. O resto do aparelho — uma roda dentada e um par de superfícies de moagem

* Sim, igual ao jogo *Civilization*, de Sid Meier. O cara fez o dever de casa!

— permaneceu mais ou menos igual, mas a substituição da fonte de energia mudou a geografia de onde o desenvolvimento humano era possível.

Na era da água, os únicos lugares que desfrutavam de mão de obra excedente e especializada eram aqueles baseados ao longo dos sistemas fluviais. Os demais tinham que reservar uma parte de sua força de trabalho para a árdua tarefa de moagem. No entanto, ao aproveitar o poder do vento, praticamente qualquer pessoa era capaz de produzir farinha em um moinho. A especialização do trabalho — e, a partir dela, a urbanização — poderia ocorrer em qualquer lugar com chuva e vento moderado ocasionais. Isso não significava que essas novas culturas eram mais estáveis ou seguras. No geral, elas tinham muito *menos* isolamento estratégico do que seus pares que não dominavam a utilização do vento. Mas a energia eólica aumentou em cem vezes as áreas onde a agricultura poderia gerar mão de obra excedente.

Essa disseminação generalizada de novas culturas teve uma série de consequências imediatas.

A primeira é que a vida civilizada pode ter se tornado muito menos rara à medida que as rígidas condições para Geografias de Sucesso se afrouxaram um pouco, mas a vida se tornou muito *menos* segura. Com cidades surgindo em qualquer lugar onde a chuva caísse e o vento soprasse, diferentes culturas se esbarravam o tempo todo. As guerras envolviam aquelas com melhores suprimentos de alimentos e tecnologias cada vez mais avançadas, o que significa que a guerra não se tornou apenas mais comum, mas também mais destrutiva. Pela primeira vez, a existência de uma população humana estava ligada a partes específicas de *faz*. Destrua os moinhos de vento e você pode matar de fome uma população adversária.

A segunda consequência é que, assim como no salto para a agricultura sedentária a geografia capaz de propiciar sucesso passou de altitudes variadas para vales de rios desérticos de baixa altitude, a substituição da energia hídrica para a eólica possibilitou o uso de diferentes tipos de terras. O truque era ter fronteiras internas tão grandes quanto possível e uma fácil distribuição. Os rios ainda eram ótimos, é claro, mas qualquer tipo de planície grande e aberta serviria. E, para equilibrar tudo isso, deveria haver boas e resistentes barreiras. Desertos ainda funcionariam bem, mas qualquer área que *não* permitisse a agricultura seria suficiente. Os exércitos tinham que se deslocar a pé e só conseguiam carregar uma quantidade limitada de alimentos. Nessa época, a maioria dos exércitos era propensa a saquear tudo o que encontrasse pelo caminho, então, se suas terras fronteiriças não tivessem nada para saquear, você tendia a ser invadido com menos frequência e com menor... prejuízo.

Se suas fronteiras fossem muito amplas, grupos como os mongóis arruinariam sua vida. As Chinas e as Rússias do mundo tendiam a se dar muito mal. Se seu interior fosse muito acidentado, você nunca conseguiria uma unificação cultural suficiente para manter todos do mesmo lado. Ninguém queria ser uma Pérsia ou uma Irlanda, constantemente tendo que lidar com discórdias internas. As geografias ideais eram aquelas com áreas externas áridas e acidentadas e centros férteis e planos: Inglaterra, Japão, Império Otomano, Suécia.

A terceira é que essas novas culturas dependentes do vento não duraram necessariamente *mais* — na verdade, a maioria delas era efêmera —, mas havia tantas outras que a oferta absoluta de mão de obra qualificada explodiu, acelerando ainda mais o ritmo do avanço tecnológico.

A primeira fase da agricultura sedentária teve início quando as pessoas começaram a se fixar em torno de 11000 AEC. Cerca de três milênios depois, descobrimos como domesticar animais e cultivar trigo. O salto para o moinho d'água finalmente aconteceu nos últimos dois séculos AEC (e foi popularizado graças aos gregos e aos romanos). O moinho de vento levou mais vários séculos, e só se tornou comum nos séculos VII e VIII EC.

Mas agora a história acelerou. Dezenas de milhares de protoengenheiros passaram a lidar constantemente com dezenas de projetos de moinhos de vento para o benefício de milhares de áreas povoadas. Todo esse trabalho intelectual naturalmente se desdobrou em uma série de tecnologias que utilizavam o vento.

Uma das tecnologias eólicas mais antigas é a simples vela quadrada. Apesar de gerar um impulso para frente, ela só permite navegar na direção do vento — uma grande limitação se você não quiser ir naquela direção ou se houver, bem, ondas. E uma vela maior não ajuda (na verdade, um quadrado maior de tecido só aumenta a probabilidade da embarcação virar).

Toda essa nova experimentação com moinhos de vento, no entanto, significou melhorias incrementais em nossa compreensão da aerodinâmica. Embarcações a vela com um único mastro e uma vela quadrada deram lugar a embarcações com vários mastros e uma variedade estonteante de formatos de vela exclusivamente projetados para diferentes condições das águas e do vento. Melhores capacidades de locomoção, manobrabilidade e estabilidade dispararam inovações em tudo, desde métodos de construção de navios (pregos no lugar de estacas) até técnicas de navegação (bússolas em vez de observação da posição do Sol) e armamento (*canhões* e portinholas para armas no lugar de arcos e flechas).

Em “meros” oito séculos, a experiência da humanidade no mar transformou-se completamente. A quantidade de carga que um único navio poderia transportar aumentou de algumas centenas de quilos para algumas centenas de *toneladas* — sem contar armas e suprimentos para a tripulação. Viagens de Norte a Sul cruzando o Mediterrâneo — antes tão perigosas a ponto de serem consideradas praticamente suicidas — simplesmente se tornaram o primeiro trecho de viagens de vários meses, transoceânicas e circuncontinentais.

Isso resultou em um mar de consequências para a condição humana. Entidades políticas capazes de explorar as novas tecnologias ganharam uma imensa vantagem sobre a concorrência. Elas poderiam gerar enormes fluxos de renda, que, por sua vez, seriam usados para fortalecer as defesas, educar suas populações e pagar por serviços civis e forças militares expandidas. As cidades-Estado do Norte da Itália tornaram-se potências regionais independentes no patamar dos impérios da época.

E os avanços continuaram.

Até a navegação de águas profundas, a opressão da distância provou ser tão esmagadora que o comércio era extremamente raro. As estradas só existiam dentro de uma cultura e na maioria delas não havia uma variedade de bens grande o bastante para justificar um grande comércio. (Lugares com sorte suficiente para ter rios navegáveis eram exceções e, como tal, tendiam a ser as culturas mais ricas.) Produtos prontos para ser comercializados tendiam a se limitar ao exótico: especiarias, ouro, porcelana — itens que tinham que competir com alimentos na carga do aspirante a comerciante.

Bens de alto valor geravam problemas específicos. Um forasteiro surgindo na cidade com uma carroça carregada pedindo para comprar alimentos equivalia a um idiota nos dias de hoje que coloca um identificador de prata em sua bagagem e a despacha no aeroporto.* Por causa da restrição alimentar, nenhum comerciante conseguia fazer a viagem. Em vez disso, o comércio tomou a forma de centenas de intermediários conectados ao longo de rotas difíceis, como um colar de pérolas, e cada um adicionava sua comissão ao custo das mercadorias. Era praxe que o comércio transcontinental por rotas como as Rotas da Seda gerasse, por necessidade, acréscimos de 10.000% nos preços. Tudo isso mantinha o comércio de bens limitado a itens leves, de baixo volume e não perecíveis.

A navegação de águas profundas contornou todo o problema.

Os novos navios não apenas podiam navegar longe da vista das pessoas em terra por meses a fio, reduzindo a exposição a ameaças; enormes porções

* Me roubem, por favor!

limitavam a necessidade de paradas para obter suprimentos. Quando os navios *precisavam atracar*, seus temíveis arsenais garantiam que os habitantes locais preferissem não se aventurar para ver o que podiam roubar. A ausência de intermediários reduziu o custo dos itens de luxo em 90% — e isso foi antes que as potências que patrocinavam os novos comerciantes de águas profundas começassem a despachar tropas para controlar diretamente as fontes de especiarias, sedas e porcelana que o mundo considerava tão valiosas.

Potências mais inteligentes* não se contentaram com o fornecimento e a distribuição e passaram a controlar os portos ao longo da rota de navegação para que suas embarcações de carga e militares tivessem pontos para se abrigar e obter suprimentos. Os lucros aumentaram. Se um navio conseguisse reabastecer com segurança ao longo do caminho, não precisaria carregar consigo o equivalente a um ano de suprimentos. Isso liberou mais espaço de carga para bens valiosos. Ou para mais homens armados a fim de se proteger melhor... ou surrupiar coisas alheias.**

A renda desses produtos, o acesso a bens e a economia de recursos capacitaram ainda mais as geografias mais bem-sucedidas. A exigência de grandes pedaços de terra arável e de alta qualidade não desapareceu, mas a importância de ser capaz de se proteger do ataque terrestre aumentou consideravelmente. Por mais dinheiro que pudesse ser ganho no comércio marítimo, a infraestrutura de apoio de docas e navios representava tecnologias fundamentalmente novas que só poderiam ser exploradas a um grande custo. Qualquer dinheiro destinado para a construção de uma frota mercante, por definição, não estaria disponível para manter um exército.

As novas Geografias de Sucesso não eram os lugares que se destacavam na construção de navios ou no treinamento de marinheiros, mas, sim, aqueles que não tinham que se preocupar tanto com invasões de terras e tinham o espaço estratégico para pensar além do horizonte. As primeiras culturas fruto da navegação de águas profundas assentaram-se em penínsulas — Portugal e Espanha, para ser específico. Quando os exércitos só podem se aproximar de você a partir de uma direção, é mais fácil concentrar seus esforços em criar uma marinha. Mas os países baseados em *ilhas* são ainda mais defensáveis. Com o tempo, os ingleses superaram os ibéricos.

Havia abundância de perdedores nessa corrida — culturas que poderiam explorar as tecnologias de navegação de águas profundas, mas que não conseguiam necessariamente acompanhar os espanhóis ou os ingleses.

* Estou falando com você, Portugal!

** Ainda estou falando com você, Portugal!